

8573



O Livrinho Encantador

POR

ANNA DE CASTRO OSORIO

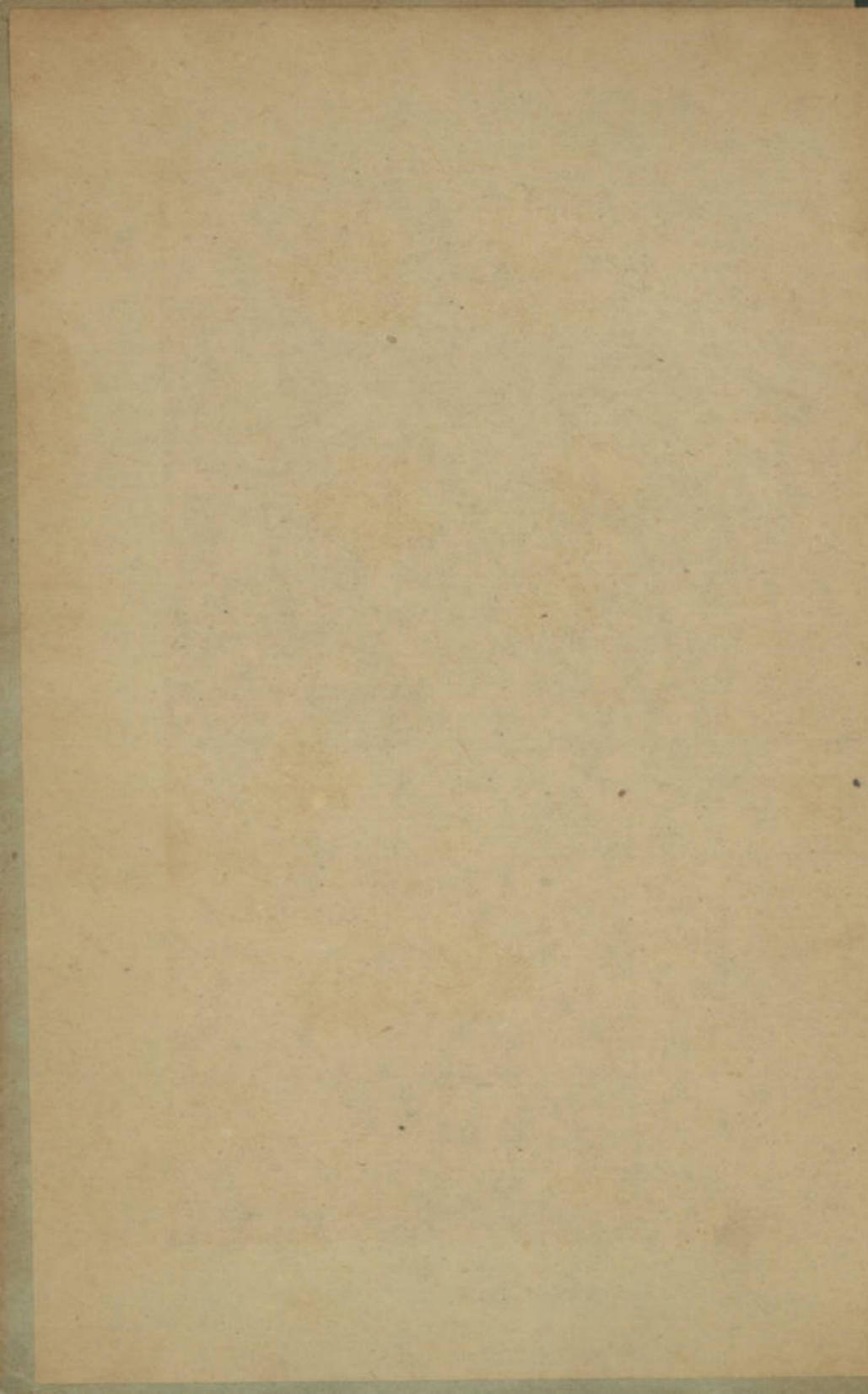
Ilustrações de LEAL DA CAMARA

LIVRO DE LEITURA

Approved oficialmente para a 2.^a classe no Estado de SÃO PAULO

L.

513



46
—
285-13

U.S. GOVERNMENT PRINTING OFFICE



O LIVRINHO ENCANTADOR

P. 173 - f. 1225

Reservados os direitos



B. 4 n.º 2944.
ANNA DE CASTRO OSORIO

DL. 3

3 Setembro 23

23

L 285-13

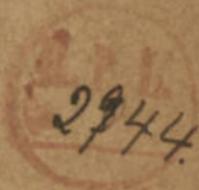
O Livrinho Encantador

25732

1.º LIVRO DE LEITURA

Approvedo oficialmente para leituras correntes
do curso primario

nas Escolas do Estado de S. Paulo



2.ª EDIÇÃO

1923

O LIVRINHO ENCANTADOR

1.º LIVRO DE LEITURA

Livro de leitura para a 2.ª classe, apresentado ao concurso aberto em Portugal pela Direcção Geral do Ensino Normal e Primario em 7 de Abril de 1920 e approved para as Escolas Primarias Portuguezas em 30 de Janeiro de 1922.

Nova edição approvada e adoptada para leituras do Curso Primario das Escolas do Estado de São Paulo
7 de Abril de 1923

A LUZ



— O João gosta de ver a luz da vela.

— Como não sabe ainda o que faz, quer agarrá'la com a mão. Mas a luz é fogo e o fogo queima.

— Elle que é teimoso, não acredita o que lhe dizem e um dia quiz apanhar a luz com a mão. Como se queimou ficou sabendo á sua custa, que se devem ouvir os conselhos dos que teem mais experiencia.



**Qual é a coisa
Qual é ella,
É do tamanho d'uma abelha
Enche a casa até á telha?**

PRIMEIROS PASSOS



— O Julito é muito gordo e mal começa agora a andar.

— Quando o põem de pé cambaleia, depois abre os bracinhos e corre para quem o chama.

— Para que faz elle aquillo? Parece um patinho quando abre as azas e vai a correr, mal pondo os pés no chão.

— É isso! O Julito procura

equilibrar-se nas suas perninhas ainda fracas e os braços servem-lhe de maromba, que é o pau que os equilibristas trazem nas mãos quando atravessam na corda bamba, ou qualquer passagem difficil.

— Ninguém lhe ensinou a fazer aquillo.

— É o instincto que o guia como a todos os animaes.

— Mas o Julito é animal?!

— Certamente. Será elle, por acaso, uma flor, uma arvore?!...

— Não! É um menino.

— Já vêes, não é um vegetal.

— Será então uma pedra, um pedaço de cobre, de prata, de oiro, de ferro?!...

— Não! Pois se elle é uma creatura!

— Logo não é um mineral.

— Mas elle anda, come, tem movimento e instincto. . .

— Logo é um animal.

A rosa é bella

O cravo tambem!

Estuda menino

Que é para teu bem.

Auxilio mutuo



— A Marianna é pequena, mas é maior do que o Julito.

— Ella é que o protege, que lhe dá a mão, que o ensina a andar, a comer e a pedir o que precisa.

— Mas o Antonio é maior do que a Marianna e é elle que a leva ao jardim, que lhe corta as flores para fazer um ramo que offerece ao papá. É elle que a levanta quando cai, que lhe descasca os

fructos, que a ensina a não ter medo do «*Piloto*», que é o guarda da casa, que a não deixa chegar ao tanque onde pode cahir, que lhe conta historias bonitas das borboletas, dos sapos, dos morcegos, dos passarinhos e das flores e muitas outras coisas.

— Quando ella souber ler o Antonio ha de ajudál'a a escolher livros bonitos para a sua bibliotheca; e depois, mais tarde, ha de ensinar-lhe as licções como o seu irmão mais velho lh'as ensinou a elle.

A vida é cadeia

Que não podes quebrar,

Ao mais pequenino

É dever ajudar.

QUERO APPRENDER



Eu sou ainda bébé,
Da escola o mais pequenino,
Mas quero já apprender,
Como o maior, mais ladino.

Já sei contar pelos dedos:
«Um, dois, tres! . . .
«Cala a bocca portuguez!

Apesar de ser pequeno,
Não me julgo dos mais tolos:
Entre os meus cinco dedinhos
Já distingo o *fura-bolos*.

TOLICES



A maman disse á Marianna:

— Não andes pelo chão molhado que podes escorregar e cahir.

— A Marianna que não attende ao que lhe dizem, caiu e magoou-se nos joelhos e nas mãos. Podia até quebrar uma perna ou um braço. E' perigoso escorregar e cahir; depois, como caiu, começou a chorar furiosamente e a bater no chão, magoando-se ainda mais. E gritava: — O chão é mau, que fez cahir a menina!

— Não! O chão, como as outras coisas que não teem raciocinio não é mau! A Marianna, é que teve a culpa, não tem juizo, não sabe ainda distinguir o bem do mal e por isso devia attender ao que lhe dizem.

— Para a outra vez não andará, sem necessidade, sobre o chão molhado.

— O Julito o outro dia deu uma cabeçada n'uma mesa, e a creada, para elle se calar, bateu na mesa e chamou-lhe má!

— A creada é uma pobre rapariga ignorante, por isso procedeu sem razão, pelo habito de ver outros fazerem essa asneira. Comprehendes porem, que é tolice, ou não será?

— Sim, é tolice, porque as

mesas, as cadeiras e outras coisas assim, não teem vontade nem raciocinio, logo nós é que devemos desviar-nos d'ellas. E se nos magoarmos. . .

— Ter mais cuidado para o futuro e resignarmo-nos a sofrer com dignidade as consequencias do erro.



Sou asseado



Mal o sol dá na vidraça,
Salto da cama a pular,
E não descanso, não paro,
Sem a todos acordar.

E corro logo ao banheiro.
Como um pato a chapinhar.
Sou um menino asseado,
Não é para me gabar.

QUÉDAS



Quando o Julito no meio da sua corrida cai, ao principio não chora. Depois, quando vê que as outras pessoas se riem ou o lamentam, então é que elle começa a chorar enraivecido.

— O que o magôa é a vergo-

nha, o que o faz chorar é o mimmo, não é a quêda.

— Cahir não molesta?

— O tombo é pequeno da altura das suas perninhas. Não o magôa em geral. O corpo das creanças é mais elastico de que o das pessoas já formadas, por que a carne envolve os ossos que ainda não estão endurecidos e por isso não offerecem a mesma resistencia.

— Assim as quêdas são menos dolorosas e menos perigosas.

— E' o motivo porque o povo diz:

«Ao menino e ao borracho

«Põe-lhes Deus a mão por baixo.

— A queda do menino não é a mesma coisa que a do borracho.

— O povo, que é ignorante, só vê as apparencias e não pensa na razão das coisas. A creança cai e não se magoa, porque o tombo é pequeno e porque o seu corpinho por formar, não offerece tanta resistencia ao choque.

O bebedo não! A sua insensibilidade provem do veneno, que é o alcool. O alcool adormenta o organismo e portanto não tem dores na occasião da queda. Depois, quando passa o triste estado que se chama embriaguez, sente o corpo moido, soffre todo o mal, não pode trabalhar, torna-se desprezível e

morre cêdo, deixando os filhos
na desgraça.



**Não sejam vocês, meninos,
Como era o tal Frei Thomaz,
Que prégava coisas boas
E fazia coisas más.**

A boa mãe



Eu gosto muito de mel
E da fructa saborosa,
E tudo nos dá a Terra,
A grande mãe generosa!

O leite de cabra e vacca
Vem trazer-nos o leiteiro.
E o pão grosso, como o fino,
Quem o faz é o padeiro.

O que se come e se bebe,
E' para o corpo alimento.
Tambem come e bebe a alma:
Tem na escola o seu sustento.



BONS AMIGOS



A Gigi já sabe ler, e como sabe ler entretém-se melhor que os seus companheiros. Os livros são os seus amigos.

— Nunca os dias lhe parecem grandes. Uma vez lê contos, outras aprende versos, outras estuda a razão das coisas nos bons livros de leitura.

— A Gigi sabe o que diz e

explica aos outros o que elles não comprehendem por serem ignorantes.

— Nunca abre a bocca aborrecida, nem incommoda as pessoas grandes. Na escola é sempre a melhor, agradando muito aos professores que só gostam de meninos estudiosos, que lhes dão honra, e prazer á sua familia, tornando-se uteis á sociedade.

— Os nossos melhores amigos são os livros; quem os despreza e trata mal é castigado porque, por mais que faça, nunca passará d'um bratinho. Ainda que tenha tanto dinheiro que não o possa contar, ainda que na sua cara lhe façam muitos cumprimentos, pelas costas todos se rirem d'elle e lhe chamam imbecil.

— Quem ama os livros em toda a parte se encontra bem, porque esses bons amigos não o deixam soffrer tanto o mal que nos rodeia.

— Nos livros apprende-se tudo quanto existe e tudo quanto se tem passado no mundo.

— Podemos ler só pelo prazer, para distrahir o espirito mas devemos tambem ler para estudar.

— Ha tempo para tudo e livros para tudo.



MENINO CONTENTE



Menino contente
Lá vai p'rá escola,
Dos livros e lanche
Vergado á sacola.

Lá vai e lá vem
Alegre e feliz,
Deu boa licção
Foi o que elle quiz.



A todos vencer
Ser como ninguem,
E' o seu orgulho
E faz muito bem.

Já lê facilmente,
Já sabe contar,
De ser o primeiro
Elle anda a tratar.

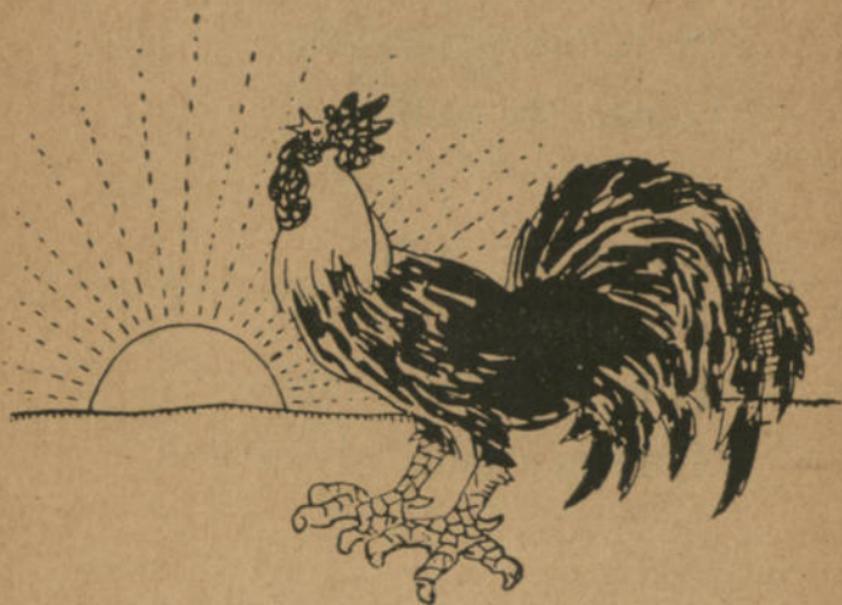
Já lê e percebe,
Já sabe contar
Sem ser pelos dedos,
E sem mesmo errar.

Da escola, algum dia
Elle ha de sahir
Já homem perfeito
Capaz de subir.

Capaz de subir
Ao cume da gloria,
Pois é d'estes sabios
Que nos falla a historia!



O SOL



— O sol é o nosso maior amigo. É elle que nos dá a luz, o calor, a vida.

— Sem o sol não poderíamos existir, nem existia a terra e tudo quanto n'ella ha e nos agrada tanto.

— O sol é a força, é a alegria,



é tudo, porque sem elle nada se podia crear.

— Cantam a sua gloria os homens, as aguas correntes, a montanha e o mar; as arvores, as flores, os fructos e os proprios animaes.

— Quando o sol apparece no alvorecer da manhã toda a Natureza em festa o saúda. Os passarinhos cantam satisfeitos e o gallo faz ouvir o seu brado de victoria!



— Mas o menino apanhou sol na cabeça e ficou doente.

— Sim, porque o sol é calor e este em demasia, queima e produz doença. Não se deve andar ao sol com a cabeça descoberta, para isso é que se inventaram os chapéus. À hora em que o sol está a prumo os raios caem com mais força sobre a terra e podem causar a doença, até a morte.

— Nos dias de maior calor, no verão, muita gente fica doente e até morre por apanhar sol na cabeça. É útil trazer sempre cha-

peo, principalmente os de palha que são leves e frescos, protegendo contra os raios do sol sem fazerem muito peso no verão.

— Fazem-se chapéus de panno, de seda e de palha para os homens.

— Para as senhoras ha chapéus sempre variados e nem sempre bonitos.

— Usam-se tambem outros chapéus para nos livrarem do sol e da chuva, que tambem se chamam «sombriñas» se são para senhoras. Não se põem na cabeça, trazem-se na mão, são de madeira como as bengalas e de aço nas varetas. Fecham-se e abrem-se quando é preciso.

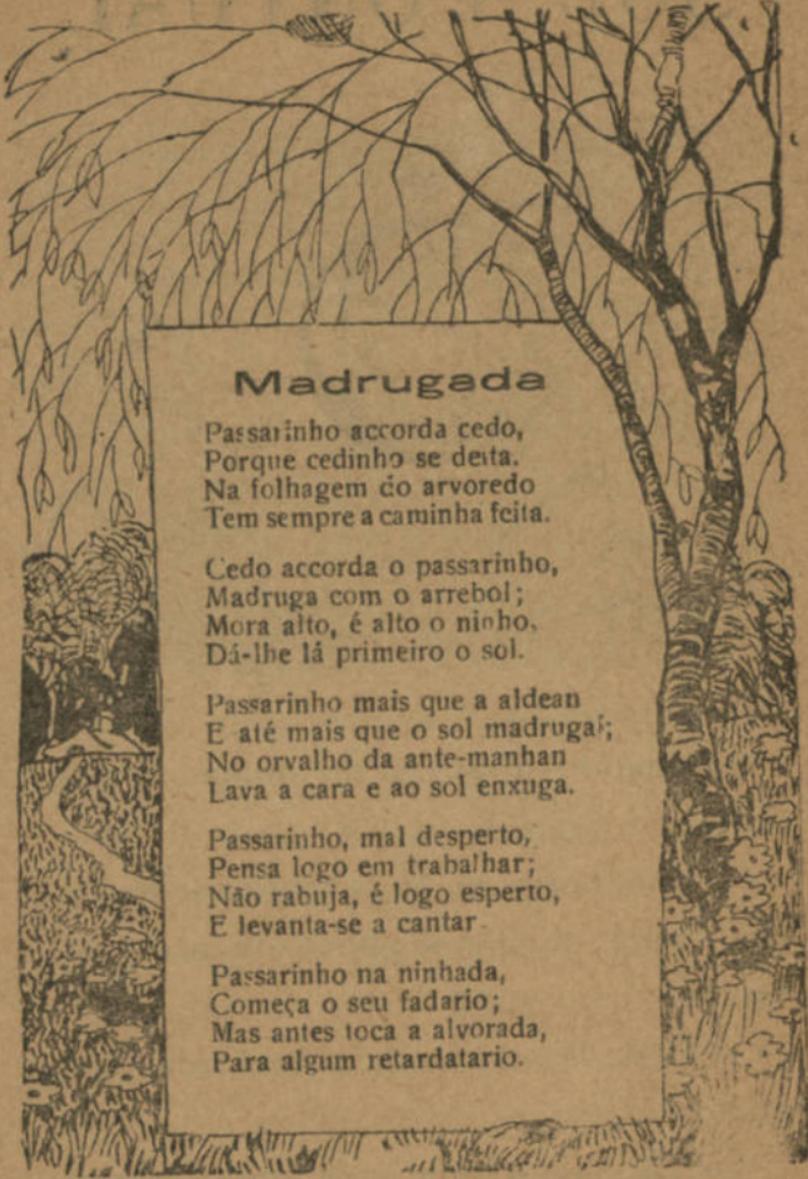
— São os «sombreiros» ou chapéus de sol. Foram inventa-

dos na China, onde se fazem de papel.

— Hoje usam-se em toda a parte; de seda e de algodão, grandes e pequenos, bonitos e feios, pobres e ricos.

— Quando o sol está forte ou a chuva é muita, um chapeo é uma coisa util.





Madrugada

Passarinho accorda cedo,
Porque cedinho se desta.
Na folhagem do arvoredo
Tem sempre a caminha feita.

Cedo accorda o passarinho,
Madruga com o arrebol;
Mora alto, é alto o ninho,
Dá-lhe lá primeiro o sol.

Passarinho mais que a aldean
E até mais que o sol madruga;
No orvalho da ante-manhan
Lava a cara e ao sol enxuga.

Passarinho, mal desperto,
Pensa logo em trabalhar;
Não rabuja, é logo esperto,
E levanta-se a cantar.

Passarinho na ninhada,
Começa o seu fadario;
Mas antes toca a alvorada,
Para algum retardatario.

SOU PONTUAL



Chegando á porta do quarto a mãe disse:

— São horas de te levatares, Frederico, para chegares pontualmente á tua escola.

— Pode lá ser! Parece que ainda agora accordei.

— Ha mais d'uma hora que te chamei e estás ahí a ver bonecos e a mecher nas gavetas.

— Uma hora, santo Deus! E' lá possível! Então já não tenho tempo!

Atarefado, nervoso, acabou de se vestir a trouxe-mouxe e o Frederico lá foi para a mesa do almoço.

Comeu sem gosto, atabalhoadamente, e foi preparar-se para ir depressa para a escola.

— Frederico — dizia-lhe pouco depois a mãe — vai-te embora depressa! Não tens tempo a perder. Se te demoras mais cinco minutos és obrigado a ir de carro e, além de ser uma despeza inutil, podes não encontrar nenhum a esta hora.

— Que horror de vida! Estou a arranjar os livros, ainda agora almocei.

— Agora?! Ha mais de meia hora que te levantaste da mesa. Tens perdido um tempo precioso a olhar para as flores, a arrumar os soldadinhos, a arranjar os livros e cadernos, que já hontem deviam ficar promptos.

— Meia hora! E' lá possível! Como o

tempo foge, que parece ter azas nos pés...

Sahiu correndo, sem se despedir, já não conseguiu arranjar lugar nos carros que iam cheios e apesar de se esfalfar e chegar á escola a deitar os bofes pela bocca fóra foi o ultimo a entrar, tendo passado o quarto de hora de tolerancia e apanhado um bom lembrete do professor, que o alcunhou de preguiçoso.

A' sahida, ainda magoado com o caso encontrou um amigo a quem se poz a contál'o e d'ahi a pouco esqueceu-se da hora e quando ouviu o relógio da Sé, já tinha passado a do jantar. Apoquentou-se por se lembrar do cuidado em que estariam seus paes e do que já teriam ralhado por sua causa.

Quando entrava, preparava-se o pae, para sahir e muito mal humorado disse-lhe:

— O que estiveste a fazer até agora?!

— Estive na escola!

— Na escola a estas horas?! E' indecente quererdes desculpar-te com mentirolas.

— Mentirolas, meu pae?! Eu não digo mentiras — respondeu Frederico com as lagrimas nos olhos.

— Queres-me então convencer que gastastes duas horas a vir da escola até casa, uma distancia que se percorre em vinte minutos?

— E' que á sahida encontrei o Joaquim e ficamos a conversar um pouco.

— Bem sei o que são esses poucos!

— Depois appareceu o Balthazar, e como elle não fôra á aula perguntou-nos o que se dera...

— E foi outro pouco...

— Depois só paramos a ver o mostrador d'uma loja de novidades e estivemos a ver, um bocadito, quem passava na rua...

— E assim se foram duas horas, duas preciosas e boas duas horas que nunca

mais tornam a voltar para a tua vida.

— Mas eu não sabia que tinha gasto tanto tempo! . . .

— Pudera! Não lhe sabes o valor! Fica porem sabendo: — o tempo é dinheiro e quem a si mesmo rouba duas horas, perdendo-as inutilmente, commette uma falta gravissima. Devias pensar nas pessoas que não podem perder um instante na sua util existencia e teres vergonha da tua inutilidade.

O pae sahiu aborrecido, deixando tambem Frederico mal contente.

Em casa a mãe preparava-se tambem para sahir.

— Que tarde chegas! Olha que tens apenas dez minutos para jantar.

— Então hei de jantar em dez minutos? Nem tenho tempo de me assentar á mesa. O que se pode fazer em dez minutos? choramingou Frederico.

Sem lhe dar resposta a mãe foi buscar

o relógio despertador e poz-lhe deante do prato, enquanto a creada o servia.

Frederico comeu a sopa e olhou para o relógio, vendo com espanto que gastara apenas dois minutos. Comendo sem se apressar nem distrahir chegou à sobremesa com o gasto de sete minutos.

Já lavado e prompto, disse-lhe a mãe :

— Vamos embora; temos dez minutos para chegar ao escriptorio do papá.

Na rua perguntou Frederico :

— Tomamos o carro ?

— Não vale a pena! Se alcançarmos já o carro vamos cedo demais, se temos que esperar é a incerteza e o aborrecimento da demora. E da mesma forma não seremos pontuaes, porque tão impontual se é chegando' cedo de mais como tarde.

Mordendo os beiços, despeitado, Frederico ainda disse :

— Pode acontecer algum transtorno.

— E no carro da mesma forma.

Pelo caminho ia o pequeno chamando a attenção da mãe para os mostradores das lojas, para as pessoas que passavam, para os mil incidentes da rua, morto por parar e se metter em todos os grupos, mas a mãe olhando de relance caminhava sem se deter e assim chegaram á hora precisa.

Depois, como a mãe e o pae tinham de trabalhar juntos, Frederico assentou-se e pegou no jornal. D'ahi a pouco enfastiado foi para a janella. Depois cada vez mais aborrecido voltou a ler e voltou á janella, assentou-se, levantou-se, abriu a bocca e por fim disse para a mãe:

— Prometteu que ficavamos aqui só uma hora e já cá estamos ha mais de duas! . . .

— Estás sonhando!

— Pode ser, já me deu o somno.

— E no emtanto estás aqui apenas ha meia hora.

— Sério?! E' impossivel.

— Vé o relógio! Seis horas apenas.

— E' porque está parado. Já aqui estamos ha seculos.

— Este rapaz não tem a noção do tempo — ralhou o pae. — Precisamos dar-lhe um relógio.

— Ah! isso queria eu.

— Mas tem cautela, olha que um relógio é um senhor e um servo, é um tyranno e um escravo. E' necessario que te habitues a usar d'elle como quem usa um bom auxiliar. O relógio deve servir-te, principalmente para medires o tempo e calculares quanto podes gastar nas tuas obrigações e nas tuas distracções. As pessoas que não teem, como tu, a noção do tempo, nunca podem ser pontuaes, que é uma das qualidades mais apreciaveis que podem ter as pessoas bem educadas. Se estão distrahidos não dão pela fuga do tempo, se estão aborrecidos cada hora lhes parece um seculo. E afinal disciplinando cada qual a sua vida pelo relógio, o tempo chega para tudo.

Depois d'esse dia Frederico teve um bom relógio, porque um mau companheiro desorienta em vez de orientar. Habitou-se a ver os ponteiros marcarrem segundo a segundo os instantes da sua vida e assim viu quanto se pode fazer durante as vinte e quatro horas que tem o dia.

Habitou-se a pensar que são perdidas e inúteis as horas em que nada fazemos, as quaes, uma vez decorridas, não voltam a passar, deixando um ponto vazio na nossa existencia. Cada minuto representa qualquer cousa de grande e de precioso em que se pode decidir d'uma vida inteira, em que se pode fazer muito bem e muito mal.

De relógio sempre certo, calculando bem o seu tempo, o Frederico pode dizer durante toda a sua vida com legitimo orgulho: — *sou pontual!* E d'ahi lhe veio a sua fortuna!

NO PASSEIO

Senhor Jéca turbulento,
Tome tento!
Veja esta tarde o que faz!
Não faça como outro dia
Berraria,
Como qualquer Ferrabraz.

Só por um tombo levar,
Amuar . . .
Ou então, desesperado,
Ameaçar iracundo
Meio mundo . . .
E' acção de malereado!

Lá por se sujar um pouco
— Que descôco! —
Não mais c'os outros brincar,
Deixando brinquedos, tudo . . .
E, trombudo,
Por-se a um canto a chorar.

Ou ir correndo occultar-se . . .
Agarrar-se
A's saias da mamanzinha . . .
Não é de rapaz brioso,
Corajoso,
Mas de reles creancinha!



Nos annos da Avó



— Minha avó, porque está assim triste n'este dia tão festivo, em que todos nós lhe trazemos os nossos beijos e parabens?

«Bem sei que está a recordar todos os ausentes, aquelles que andam sobre as aguas do mar, os que trabalham e lutam em terras extranhas e nas nossas, tão opulentas e tão formosas, para além dos mares e das serras.

«Sei que recorda com saudade dos que já muito viveram e soffreram, esses que partiram para longinquoas terras e

os outros, os que morreram, e não voltam mais e que só em memoria comnosco ficarão para sempre.

«Mas emfim, avózinha, d'esses que morreram nós somos a continuação; e se nós formos bons e honrados e nossos feitos engrandecerem nossos nomes, os d'elles serão repetidos e honrados atravez dos tempos.

«E os ausentes, tenha paciencia avózinha, em breve voltarão! O mundo já não parece tão grande como antigamente, avózinha! No tempo do bisavô passavam-se mezes sobre as aguas do mar, em navios á vela, para vir de Macau ou da India, ou de Moçambique ou do Brasil, até Portugal! E mezes e annos se passavam, sem noticias dos ausentes e sem poderem dizer, se eram mortos ou vivos. Por isso a sua avózinha tanto chorou que ficou cega; e quando os filhos voltaram já os não pode ver bem e só teve a consolação de os ouvir contar coisas maravilhosas d'essas terras por

onde teem passado ha quatro seculos os
corações generosos da nossa raça.

«Mas hoje avózinha, já não ha razão
para tanta tristeza: os navios correm
por sobre as aguas do mar conduzindo
os passageiros, levando e trazendo as



mercadorias e as noticias. Os comboios
apitam pelos campos e pelas serras e o
pennacho do seu fumo bem nos diz, a
grande força que os faz correr desabala-
dos pela terra, como os navios pelo mar,
que é o vapor! Se tivermos pressa em
dar e receber noticias temos o telegrapho
que liga todos os homens no mesmo in-
teresse e no mesmo pensamento.

«Avózinha, não esteja triste n'este dia de tanta ternura para nós; o mundo é melhor agora do que dizem os velhos rabujentos e a boa avózinha, que tão bem comprehende os beneficios da civilização alegre-se com a nossa alegria, contente-se com os nossos beijos e reviva com as nossas esperanças.



Nos annos do Avô



— Meu avôzinho, eu já sei que não está muito contente commigo porque não sou dos mais estudiosos. . .

«Mas emfim, avôzinho, podia ser peor. Era mesmo muito peor se não fosse tão seu amigo e da avó e dos meus paes e dos meus irmãos.

«N'este grande dia dos seus annos aqui lhe trago um presente, o melhor presente que pude encontrar: *Flores!*

«Estas lindas flores eu lh'as vou pôr na sua mesa de trabalho, n'aquella gran-

de mesa tão antiga e tão forte, que o vél'a carregada de papeis e de livros de leis, com coisas tão graves e tão serias, até mette respeito á gente!

«Nem sei como o avôzinho pode metter na cabeça tanta coisa sem adormecer, como a princeza que na floresta encantada dormiu cem annos... ou mais!

«Mas o avô não se zangue com estas palavras. E' que hoje é dia de alegria e com estas flores, que eu creei no meu jardim para lhe offerecer, quero dar vida e graça a essa mesa tão carregada de papeis e de livros. As minhas flores vão perfumar esse gabinete d'onde sae a justiça e a bondade e com a sua belleza provarão que eu tambem sirvo para alguma coisa, que todos temos no mundo a nossa utilidade, a questão é cada um fazer bem o que lhe compete.

«Assim o avôzinho tambem ficará contente com o seu neto, que ainda não sabe amar os livros, mas ha de apprender e será sempre trabalhador e honrado.

Nos annos da Maman



— Hoje faz annos a minha mãe muito querida! O presente que lhe vou dar será para ella precioso e ha de guardá'lo toda a vida. E' uma surpresa, e que surpresa!... Só de pensar na sua alegria e no orgulho que vai sentir pela sua filha já me sinto crescer!

«Ha um anno, n'este mesmo dia, o papá chamou-nos e disse: — «Meninos, pegai n'este dinheiro e ide comprar uma prenda para vossa mãe; cada um escolha á sua vontade o que quizer.

«Os meus irmãos foram comprar coisas muito bonitas, mas eu puz-me a pensar: A maman tem tantas coisas boas; o que é que eu lhe poderei dar que ella possa guardar eternamente?

«Fui ao pé d'ella e disse-lhe assim: —
A pessoa que eu mais amo e admiro no

mundo, e cujo exemplo quero seguir sempre na vida, és tu! Quero ser útil e inspirar respeito e amor como a minha mãe! Quero que os meus irmãos me considerem uma egual, como companheira de estudo e de trabalho. Quero que o meu pae me tenha a seu lado como um bom auxiliar na sua vida e na sua doença. Se um dia tiver casa e familia propria só desejo que ella seja como a tua, cheia de respeito, de amor, de paz e de justiça... Queria dar-te um presente n'este dia, que significasse tudo isto quanto sinto.

«Beijando-me respondeu:

— O teu pensamento é muito grande e não é possível expressá-lo n'uma offerta. Dá-me hoje um ramo de flores que me diga o teu carinho e d'aqui a um anno traz-me uma boa acção, que seja o teu melhor presente.

«Então fui ao jardim do visinho, que vende flores, para comprar um ramo.

«Estava só a filha mais velha que o auxilia na cultura e na venda das flores

e assim ajuda o pae a sustentar os tres irmãozitos pequenos que, assim como ella, ficaram orphãos da sua boa mãe que morreu ha dois annos.

«Estava a fazer raminhos para a venda da tarde. Disse-lhe que queria um ramo que dissesse a minha mãe o amor que lhe consagro. Fomos escolher ao jardim, mas a pequena nem sabia o nome nem a significação das flores. Ainda sabia menos do que eu, porque não sabia ler! Fui escolher e juntei n'um ramo: *Rosa*, que quer dizer *Amor*. *Jasmim do Cabo* — sou completamente feliz. *Lyrio branco* — pureza. *A Violeta* — modestia. *Zinia* — penso nos amigos ausentes. *Acacia* — Amizade. *Musgo*, *Amor materno*. *Lucerna*, *Vida*.

«Disse isto á pequena, e achou muito bonito mas cheia de tristeza me confessou a sua magua por não saber ler.

— Mas porque não vai á escola?

— De dia tenho de trabalhar e olhar pela casa e pelos meus irmãos e pelo jardim e á noite não ha escolas!

«Então pensei no exemplo, que minha mãe me tem dado e offereci-me para lhe ensinar a ler! A alegria d'ella já foi uma boa paga.

«Ha um anno que a ensino e hoje vem deante de minha mãe dar a sua prova! Eis o presente de amor que trago á minha boa mãe e que, estou certa, ella não esquecerá jámais!

«D'aqui para o futuro poderei dizer que o meu saber já foi util, como o de minha mãe!

«A minha discipula trará um ramo de rosas que dirá á mamãe o que nós lhe queremos dizer: *Amor!*



MENINO ESTUDANTE



O Jéca é ladino,
Mas bem comportado,
Jámais se recolhe
Sem ter estudado.

Depois de comer,
E alegre brincar,
Reabre os seus livros
Um pouco a estudar.

Depois, á janella
Já noite fechada
Se fica embebido
Na noite estrellada.

Já sabe que é a lua
Da noite o pharol,
E que a terra gira
A' roda do sol.

Já explica aos irmãos
Nas noites mais bellas,
Que são outros soes
Todas as estrellas.

E assim ha mais mundos
Mais terras rodando, girando,
E os nomes dos astros
Já vai decorando.

E lindos que são
No céo a fulgir!
Planetas e estrellas
O vi distinguir.

Que lindos que brilham
De noite esses astros! . . .
Até que o somninho
O deixe de rastros.

E vai para a cama,
O pequeno leito,
Dormir e sonhar
Feliz, satisfeito.



JACINTHINHO INDOLENTE



O Jacintho não tinha amor nenhum ao trabalho, nem mesmo gostava de brincar nem de passear. Elle o que não queria era mecher-se. Podiam bem chamar-lhe «Frei João sem cuidados» que não lhe faziam aleivo.

Ralava os professores e os paes, que não sabiam que fazer para o animarem a ser util a si proprio, estudando, trabalhando e preparando-se para o futuro.

A avózinha já muito aborrecida por o ver sempre molengão e inutil, a esticar-se pelas cadeiras, abrindo a bocca,

mal lavado, mal arranjado, sem estudar as licções nem fazer qualquer trabalho, disse-lhe um dia zangada :

— Olha Jacinthinho, tu és tal qual o «Preguiçoso» da historia que meu pae contava, apprendida no Brasil!. . . Queres que t'a conte?

A abrir a bocca, somnolento e amadurrado, o Jacintho não respondeu, mas os outros pequenos correram a rodear a avózinha e a pedirem com muito interesse: — Conte, avó, conte essa, que ha de ser bonita!

— Não veem que elle nem quer ouvir, nem se move, que até parece um dos «sete dormentes»?!. . .

— Deixe lá, avózinha, para quem não quer ha muito! Conte para nós ouvirmos.

— Pois ella ahi vai :

HISTORIA DO PREGUIÇOSO

«Havia uma vez um homem muito preguiçoso e vagabundo, que vivia ás

costas de todos, porque não queria trabalhar.

«Todos se aborreciam d'elle e já não estavam dispostos a continuar a aturar um mandrião d'aquella força, que chegava a passar os dias estiraçado ao sol debaixo d'uma arvore, preferindo não comer a ter que fazer alguma coisa.

«Ora como aquelle povo era todo muito laborioso não queriam alli um mau exemplo e como não era possivel obrigá'lo a trabalhar, nem expulsá'lo resolveram enterrá'lo vivo.

«Foram arránjar uma rede de viagem e puzeram-se em marcha para o levarem a enterrar.

«No meio do caminho passaram por uma venda e o dono veio á porta e perguntou, que acompanhamento era aquelle.

«Logo todos lhe responderam :

— E' que este homem é muito preguiçoso e não quer trabalhar em coisa alguma, vivendo, assim, ás nossas costas —

Nós não estamos para tolerar isto e então, como não quer ir-se embora do lugar, onde está dando tão maus exemplos, resolvemos enterrá-lo vivo.

« O vendeiro teve muito dó do homem e disse-lhes :

— Isso não, isso não se deve fazer!



Deixem-no aqui, que tenho muito arroz e elle poderá viver, comendo o que quiser.

« Vai o « Preguiçoso » que ia a enterrar, quando isto ouviu levantou a cabeça da rede e perguntou :

— O' patrão, mas o arroz está sócado ?

— Não ! mas isso não importa, você sóca-o.

— Ah, não está sócado?! Então continue o enterro!...

— E foi a enterrar, avózinha?

— Mais não diz a historia, mas naturalmente foi, porque a preguiça era tanta que preferia ser enterrado vivo a ter sequer o trabalho de limpar o arroz para comer!... São assim os inuteis, os preguiçosos, porque viver sem fazer nada, nem ter nenhum interesse, é o mesmo que ser enterrado vivo!...

— E assim o Jacinthinho ainda ha de ser levado na rede.

— Vamos enterrál'o vivo!... — disseram todos a rir, agarrando-lhe pelos pés e pelos hombros.

O Jacintho ficou furioso e envergonhado e para lhe não chamarem mais «Preguiçoso» e não lhe perguntarem se o arróz está sócado, começou a trabalhar, a estudar e a tornar-se um rapaz util e simpathico.

Os contos da tia Marianna Abre

Os pequenos, ao chegarem da escola, rodeavam a velha Marianna, que fazia renda de bilros á porta da sua casita terrea, e pediam com muito interesse:

— Uma historia, tia Marianna Abre, conte-nos uma historia!

— Grande ou pequena, como é que vocês querem?!

— Muito grande, muito grande!...

— Ora, muito grande faz seccar a bocca. Ahi vai esta pequenina, que é um bom exemplo! Ora escutai:

O LADRÃO ENGANADO

«Uma vez havia um homem que tinha um filho; um dia pediu-lhe licença para ir viajar. O pae disse-lhe que sim, deu-lhe a sua benção e duzentos mil reis para as despesas.

«O rapaz, que era muito sincero,

quando chegou a uma terra em que se devia demorar, entrou numa hospedaria e com medo de perder o dinheiro entregou-o ao hospedeiro, pedindo que lh'o guardasse até se ir embora.

•Andou para um lado e para o outro e por fim aborreceu-se e resolveu seguir a sua derrota.

Então foi ao hospedeiro para que lhe desse os *duzentos mil reis* que lhe dera a guardar.

— A mim?!...—disse o homem em altos berros Você a mim entregou-me *duzentos mil reis*? Nem um real eu vi da sua mão! Então não querem ver a es-
perteza! Ponha-se na rua, se não quer que chame a policia, seu intrujão!... Seu mentiroso!...

•O rapaz sahio vexado e muito triste por se ver sem o seu rico dinheiro, impossibilitado de continuar a viagem e ainda por cima alcunhado de mentiroso! E foi para casa, contando logo ao pae a sua desventura.

— Ah, elle é isso! — disse-lhe o pae — pois tu vais ver como entrega logo o teu dinheiro!

«Montou na sua mula bem arreada, poz sobre ella uns alforges novos e cheios de dinheiro, vestiu o fato domingueiro e marchou para a cidade.

«Entrou na hospedaria a fazer grande espalhafato e disse para o hospedeiro:

— Olhe lá, ó amigo, você tem ahi onde me guardar umas centenas de mil reis que alli trago nos alforges? Anda por ahi uma gatunagem bruta e eu te-



nho medo de trazer esse dinheiro ao deus-dará.

«O homem, desfazendo-se em cumprimentos, disse-lhe logo que sim, que lh'os guardava com todo o gosto. E ficou a esfregar as mãos de contente.

«N'isto, entra o rapaz pela porta dentro, e, fingindo não conhecer o pae, vae ao hospedeiro e pede-lhe, em voz alta, os duzentos mil reis, que lhe dera para guardar.

«O hospedeiro, que queria merecer a confiança do freguez ricoço, foi logo buscar o dinheiro e entregou-lh'o com muitos cumprimentos.

«O homem, fingindo nada perceber, comeu socegradamente, pediu a conta, pagou e levantou-se, para se ir embora.

«O hospedeiro foi ter com elle, muito amavel e perguntou :

— Então o senhor não disse, que me queria dar a guardar os seus alforques com dinheiro, por causa dos ladrões?

— Ah, sim senhor, mas era para lá lhe metter os duzentos mil reis, que você queria roubar ao meu filho!»

— Calculem agora a cara com que ficou o intrujão!

— Foi buscar lan e ficou tosquiado!...

— Esse é engraçado, tia Marianna Abre! E' engraçado e foi muito bem feito, para o hospedeiro não ser patife!

— Conte lá outro tia Marianna!

— Antes um conto de fadas e princezas, d'aquelles contos muito grandes e muito lindos que sabe.

— Só se fôr o «Conto das calcinhas vermelhas... Queres que t'o conte ou que t'o diga?!...»

— Esse não, é um engano. E' sempre a mesma coisa e nunca mais acaba.

— Então lá vai: «Era uma vez um rei e um bispo, acabou-se a historia, não sei mais do que isto!...»

— Ora, ora, ora!... Está a brincar comnosco.

— Uma historia, vá tia Marianna! Uma historia a valer!

— Olhem outra:

«Era uma vez uma vaquinha

«Chamada Victoria,

«Morreu a vaquinha,

«Acabou-se a historia!...

— Essa tambem não é seria!

— Não tem graça nenhuma, é um engano!

— A tia Marianna está a fazer pouco de nós!...

— Pois olhem cá, meninos, vocês não andam na escola?

— Andamos sim senhora.

— Então não sabem já ler?

— Já sabemos, sim senhora!

— Então leiam as historias que estão nos livros, que são as que eu sei, e outras ainda mais bonitas! Assim aprendem melhor a ler e a fallar sem erros; aproveitam as horas e juntam o util ao

agradavel. No tempo em que pouca gente sabia ler, é que eram apreciadas as velhas que as tinham na cabeça, como eu! Agora todas as historias que eu sabia foram para os livros. «Quem tem bocca não manda assoprar», quem sabe ler não precisa de ouvir contar.

— Mas então, sempre é certo que as suas historias estão nos livros, tia Marianna Abre?!...

— Ora, ora!... Mais do que certo! As minhas e as de todas as outras velhotas como eu. E não só isso como todos os casos lindos dô saber, coisas que passaram no mundo, o que n'elle existe, o que os homens pensam, o que fizeram e o que fazem... Tudo, tudo está nos livros.

— Viva a tia Marianna Abre mais as suas lindas historias do velho Portugal!

— Vivam os bemditos livros que as teem guardadas para todas as creanças do mundo!

— Para as que souberem portuguez...

— E para as outras tambem, porque



as pessoas que as sabem passam-nas para as suas linguas.

— Pois bem, meninos, ide ler, ide ler, que a velha Marianna tambem gosta de ouvir coisas lindas, que estão nos livros.

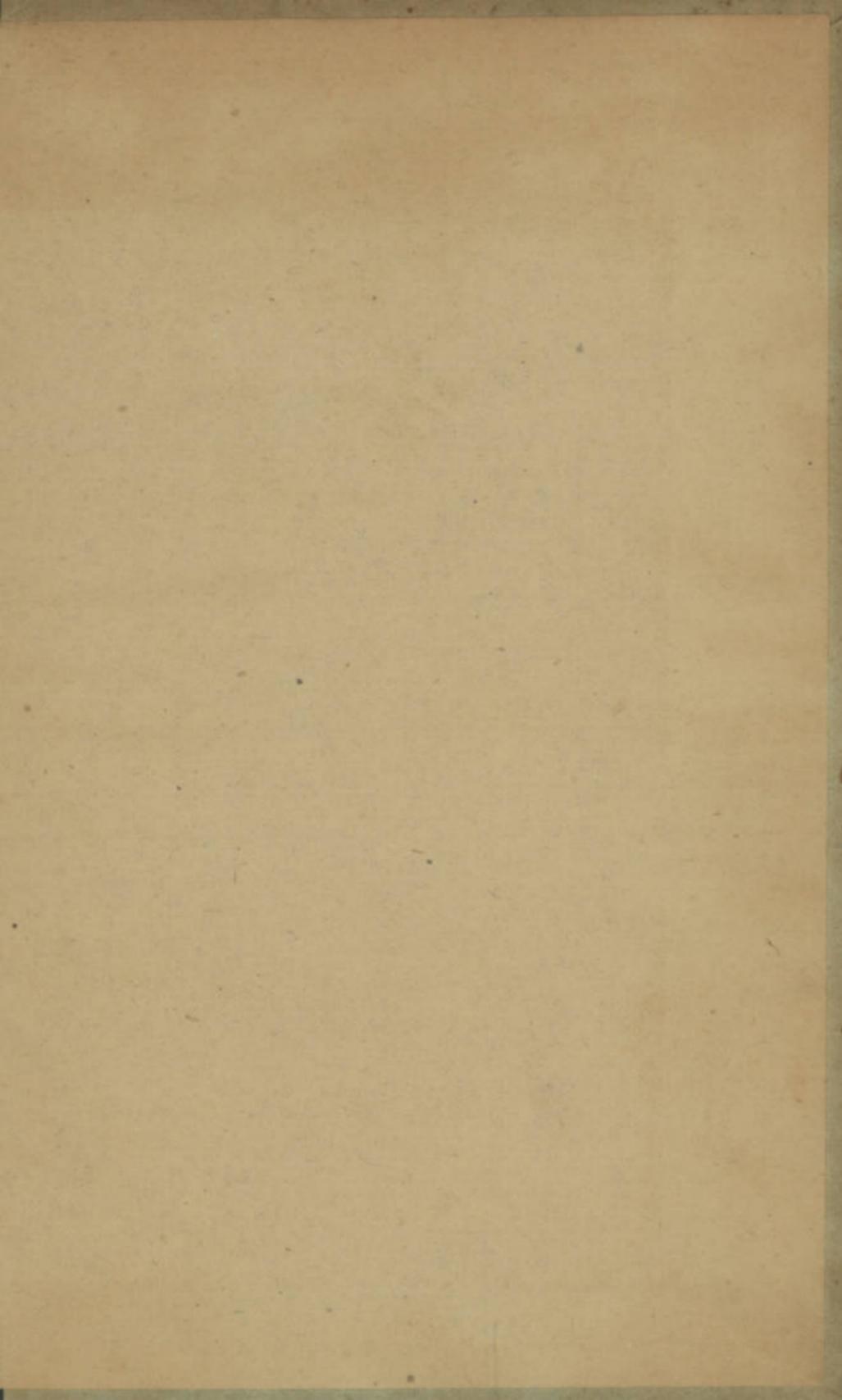
INDICE

A Luz.	5
Primeiros passos	7
Auxilio mutuo	10
Quero aprender.	12
Tolices.	13
Sou asseado	16
Quédas	17
A boa mãe.	21
Bons amigos	22
Menino contente	25
O sol	28
Madrugada.	33
Sou ponctual.	34
No passeio.	43
Nos annos da avó.	45
Nos annos do avó.	49
Nos annos da maman	51
Menino estudante	55
Jacinthinho indolente	58
Os contos da tia Marianna Abre.	63



Acabou de se imprimir este livro na typographia
Lusitania da Rua do Seculo, 50, em Lisboa,
aos 80 de Junho de 1923, para a LUSITANIA
EDITORIA, L.^{DA}. Arco do Limoeiro, 17, 1.^o,

Lisboa





LUSITANIA EDITORA LIMITADA

Arco Limoeiro, 17, 1.º

LISBOA

Deposítarios no Brasil:

CASTRO OSORIO & C.ª

Barão de S. Gonçalo, 6, sob.

RIO DE JANEIRO

B

2